

# Sumário

Agradecimentos.....	9
Abreviaturas.....	11
Prólogo Um “elogio fúnebre” à Igreja.....	13
Capítulo 1 Introdução: de que se trata? .....	15
Capítulo 2 Definições conceituais: dogma e evolução.....	25
2.1. O que significa “dogma”? .....	25
2.1.1. Os antecedentes do conceito .....	27
2.1.2. Um novo termo técnico.....	33
2.1.3. Pio IX: inovação com intuito anti-inovador .....	38
2.1.4. O conceito atual de “dogma”: o que se transformou a se transformar .....	43
2.2. O que significa “evolução”? .....	51
2.2.1. Uma primeira tentativa de definição.....	51
2.2.2. A evolução do dogma como resposta à história dos dogmas.....	53
2.2.3. Os primeiros enfoques no início do século XIX: um esboço	60
2.2.4. A teologia à sombra de Charles Darwin .....	63
Capítulo 3 A Bíblia como resultado e fio condutor da evolução dogmática.....	71
3.1. As Escrituras: por que só agora? .....	71

3.2. A Bíblia como resultado da evolução .....	74
3.2.1. Cristo – encontrado no texto, confirmador do texto? .....	74
3.2.2. Do cânone da verdade ao cânone do Novo Testamento.....	81
3.3. A Bíblia como fio condutor da evolução .....	91
3.3.1. Jesus Cristo na “condição divina” e na “condição de servo”	91
3.3.2. “Guarda o depósito precioso” .....	94
3.3.3. Paráclito e Espírito – mestres de toda a verdade.....	96
<b>Capítulo 4</b> Continuidade e mudança da doutrina da fé na reflexão da Igreja antiga.....	101
4.1. Um primeiro olhar sobre a época.....	101
4.2. Crescimento natural, pedagogia divina e linguagem humana .....	102
4.3. “Em qualquer lugar, sempre e por todos”, a regra de Vicente de Lérins.....	115
4.3.1. Os critérios do <i>canon vicentianus</i> e os seus problemas .....	116
4.3.2. Propriedades, crítica e reabilitação de Vicente – uma perspectiva.....	128
<b>Capítulo 5</b> Debates medievais sobre o crescimento da fé que se mantém.....	133
5.1. Não se pode criar nada de novo? .....	133
5.2. Pensamento dedutivo e evolução doutrinal na polêmica sobre o <i>filioque</i> .....	135
5.3. Fé implícita, fé explícita e “fé do carvoeiro” .....	143
5.4. Progresso do conhecimento e da autoridade – Santo Tomás de Aquino.....	153
5.5. A Reforma existiu realmente?.....	158
<b>Capítulo 6</b> A fase quente das teorias da evolução do dogma: século XIX e princípio do século XX.....	163
6.1. A denominada Escola de Tübingen: espírito romântico e conceitualização idealista.....	163
6.1.1. Johann Sebastian Drey: “Não se deve temer o crescimento dos dogmas cristãos” .....	165
6.1.2. Johann Adam Möhler: conceitos mortos e vida divina .....	172
6.2. John Henry Newman: “Aqui embaixo, viver é mudar, e ser completo é sinônimo de ter mudado muitas vezes” .....	180

6.3. O problema da evolução do dogma na neoescolástica .....	188
6.3.1. Tradição: dom divino e limitação humana .....	190
6.3.2. Lógica e progresso dogmático.....	195
6.4. Ponto alto e fim provisório das teorias da evolução do dogma: a crise do modernismo .....	200
<b>Capítulo 7</b> O século XX: da influência do antimodernismo à assimilação do Concílio Vaticano II .....	209
7.1. A necessidade de um novo começo: Maria, o Papa e um “neomodernismo” eclesial?.....	209
7.2. Karl Rahner: estática da revelação proposicional e dinâmica da autorrevelação.....	215
7.3. Joseph Ratzinger: um teórico da continuidade? .....	224
7.4. Walter Kasper: dogma como serviço de amor à profissão de fé comum.....	237
<b>Capítulo 8</b> Visão de conjunto e perspectiva: um alcance maior do que se esperava.....	245
8.1. O possível, o impossível e o necessário .....	245
8.2. Cinco acepções de “dogma”, duas formas de evolução do dogma	246
8.3. Tipologia das teorias da evolução do dogma: onze diferenças.....	250
8.4. Um olhar à frente.....	254
8.4.1. Meios e fins, o penúltimo e o último .....	255
8.4.2. A continuidade: uma questão eclesial e não só doutrinal.....	258
8.4.3. A evolução do dogma entre a contingência histórica e a esperança do fiel.....	262
<b>Epílogo</b> Um “elogio fúnebre” à Igreja?.....	267
<b>Bibliografia</b> .....	269